

OS CAMINHOS DA PRODUÇÃO SOBRE A VIOLÊNCIA ESCOLAR E GESTÃO

Ana Paula Czerevaty¹

RESUMO

A presente pesquisa tem por objetivo fazer um estado da arte sobre a violência escolar e o papel da gestão na superação desta problemática que tanto tem causado danos para alunos, professores e demais integrantes do espaço escolar. A metodologia adotada foi pesquisa bibliográfica referente ao material publicado em relação a temática. A violência escolar é um fenômeno complexo de ser definido e está presente em nossa sociedade há muito tempo, porém, devido a grande ênfase dada pela mídia nas últimas décadas, é que a mesma ganhou destaque no meio das produções científicas. Ela pode se manifestar na forma de violência física, simbólica e também institucional, podendo ser praticada entre alunos e ainda entre professores e alunos. Na escola, o gestor juntamente com os professores, funcionários, alunos e pais precisa direcionar o seu trabalho para encontrar meios de se trabalhar em prol da amenização dos casos de violência. Assim, precisa atuar de forma democrática e participativa, usando sempre como ferramenta o diálogo com os demais. Necessita ainda contar com o apoio de parcerias externas à escola, como a polícia militar e o conselho tutelar.

PALAVRAS-CHAVE: Violência escolar. Gestão democrática. Professores.

ABSTRACT:

This research aims to make a state of the art school violence and the role of management in overcoming this problem which has caused so much harm to students, teachers and other members of the school. The methodology included literature search for the material published about the topic. School violence is a complex phenomenon to be defined, is present in our society for a long time, however, due to the great emphasis of the media in recent decades is that it has gained prominence in the midst of scientific production. It can manifest as physical, symbolic and institutional as well and can be practiced among students and between teachers and students. At school, the manager along with teachers, staff, students and parents need to direct your work to find ways to work toward easing the violence. So you need to act in a democratic and participatory, always using as a tool in dialogue with others. It still needs to have the support of partnerships outside the school, such as military police and council.

KEYWORDS: School violence. Democratic management. Teachers

INTRODUÇÃO

A sociedade vem passando nos últimos tempos por significativas mudanças sociais, políticas, tecnológicas e culturais que oferecem as instituições educacionais diversos desafios. Dentre eles, encontramos a problemática da violência, que cresce descontroladamente em todas as regiões brasileiras, nas mais diferentes formas de manifestação. Assim, Abramovay e Rua (2002, p.32), afirmam que "... a sociedade brasileira, vem se deparando com um aumento das violências

¹ Pedagoga – Escola Municipal Bitu-Mirim, EI e EF, Ivaí, PR. Graduada pela Universidade Estadual do Centro-Oeste, Unicentro . Especialista em Gestão Escolar. Instituto de Educação Tupy. E-mail: czerevatyana@ig.com.br

nas escolas, sendo diversos os episódios envolvendo agressões verbais, físicas e simbólicas aos atores da comunidade escolar.”

O crescimento de casos de violência escolar é uma preocupação tanto para os pais, os alunos, os professores, enfim, todos os envolvidos no processo educativo. O tema vem sendo fruto de diversas produções acadêmicas. Visto ter se tornado um assunto muito discutido, o objetivo deste trabalho busca apresentar, por meio de pesquisa bibliográfica, o que os pesquisadores tem dito sobre a violência na escola e o trabalho do gestor frente a este caso.

A PROBLEMÁTICA DA VIOLÊNCIA ESCOLAR

A violência é, hoje, um fenômeno que preocupa todos os segmentos da sociedade em escala mundial, atingindo a vida e a integridade física das pessoas. Dentro deste cenário, encontramos a escola que não escapou desse fenômeno social e sofre constantemente com o agravamento de atos de violência, tanto no seu interior como aos arredores.

De acordo com Abramovay (2009, p.19) “A violência não é um problema novo, nem específico da contemporaneidade. A diferença histórica no trato da questão é a visibilidade dada a violência nos últimos tempos, especialmente pela imprensa.” A violência sempre existiu em nossa sociedade, porém é nas últimas décadas que se tem dado um destaque a ela devido as proporções que atingiu.

A cada dia nos deparamos com notícias sobre violência, e aquelas em relação aos casos que envolvem o ambiente escolar é que nos deixam de cabelo em pé, pois consideramos a escola como um lugar da busca pelo conhecimento, do preparo para a vida, e saber que a violência tenha chegado à ela não é um bom sinal. A relevância da violência como uma problemática social no interior das escolas começa a ganhar força no meio acadêmico a partir dos anos 80. Segundo Ruotti (2006, p.6):

Em relação a realidade brasileira, o problema é anunciado nos anos 80, quando ações contra o patrimônio escolar (depredações, pichações e invasões) são denunciadas e a atuação do poder público frente a esta problemática é requerida. Nesse momento as investidas governamentais se traduzem, principalmente em mecanismos de segurança escolar contra agentes externos, os quais eram responsabilizados por essa violência. A partir dos anos 90, embora a violência escolar esteja ainda referida as manifestações anteriores, a questão ganha complexidade, sendo fortemente relacionada à intensificação dos conflitos interpessoais no seu interior e às interferências do tráfico de drogas.

A violência escolar apresenta-se com muitas faces, podendo atingir a instituição, o seu patrimônio, as relações interpessoais que se estabelecem diante da prática de ensino e aprendizagem, o desempenho do aluno e professor.

Assim, Dani e Bordin (2004, p.1) afirmam “A violência sutil apresenta-se como um processo crescente e contínuo que encontra no ambiente escolar uma cultura que a mascara, levando muitos a denominarem como brincadeiras comuns na infância.” Se permitirmos que pequenos atos de violência sejam confundidos como brincadeiras típicas da idade, teremos assim o agravamento da situação, pois é preciso que a criança cresça sabendo o que é permitido, que existem regras em todos os setores de nossa vida e na escola não será diferente. É importante amenizar os pequenos atos para que não venham a atingir proporções maiores.

Antonio dos Santos (2008) realiza nas escolas estaduais de Aracaju- SE, um levantamento e mapeando dos casos de violência escolar, entre os anos de 2003 a 2006, identificando assim os tipos de agressões mais frequentes e as políticas de enfrentamento destas instituições. Em relação as agressões, Santos (2008, p.36) afirma:

Certas ocorrências, consideradas como “problemas de indisciplina”, “brincadeiras próprias da idade”, podem na verdade ser forte causadora de grande sofrimento a muitos alunos, com prejuízos emocionais irreparáveis pelos traumas e seqüelas que causam ao aparelho psíquico e pelos prejuízos proporcionados ao seu desenvolvimento sócio-educacional.

Oliveira (2008), faz um estudo descritivo sobre a violência na escola, citando ações que visam diminuir os casos de violência e as experiências que deram certo no combate, destacando ainda como o gestor escolar conduz o seu trabalho frente a esta problemática. Na sua pesquisa, cita o estudo desenvolvido pela Unesco tendo como responsável Abramovay (2002), em 14 capitais brasileiras, sendo Distrito Federal, Goiânia, Cuiabá, Manaus, Belém, Fortaleza, Recife, Maceió, Salvador, Vitória, Rio de Janeiro, São Paulo, Florianópolis, Porto Alegre, tanto em escolas publicas, quanto particulares. Com isso, Abramovay categoriza a existência de três grupos de violência, denominados como: violência física, simbólica e institucional.

Nesse sentido, compreendemos como violência física os empurrões, brigas, atirar objetos contra outras pessoas, já a violência simbólica pode ser definida como abusos de poder, agressões verbais, intimidação, bullying e a violência institucional representa por exemplo, a falta de interesse dos professores, diretores e outros profissionais da área, em relação ao ato de dialogar, escutar e compreender os alunos. De acordo com Oliveira (2008, p2):

Hoje em dia a escola tem aparecido nos noticiários como um cenário de ocorrências violentas, englobando agressões físicas, simbólicas, ameaças e

agressões de alunos contra professores, violência sexual entre alunas e alunos, uso de armas, consumo de drogas, roubos, furtos, violência contra o patrimônio e até assassinatos. Embora a violência física cause maior impacto, os atos de violência simbólica e psicológica, praticados nas relações interpessoais que ocorrem no cotidiano escolar, se transformam inúmeras vezes em atos mais profundos, desconcertantes e marcantes, causando um efeito negativo ao indivíduo, não raramente, de grande extensão.

Percebemos com esta afirmação que embora a violência física cause danos em um determinado momento, são menos marcantes que a violência simbólica e psicológica (institucional) que acabam por deixar marcas difíceis de serem superadas pelo indivíduo. Em relação à violência institucional, Abramovay (2002, p.80) cita:

A escola se destaca como locus de violência simbólica, que se manifesta por meio de diversos atos. Pressionar a partir do poder de conferir notas, ignorar os alunos com seus problemas, trata-los mal, recorrer a agressões verbais e expô-los ao ridículo quando não compreendem algum conteúdo são algumas violências que aparecem de forma recorrente na fala dos estudantes. Os professores também sofrem quando são agredidos em seu trabalho e em sua identidade profissional pelo desinteresse e indiferença dos alunos, criando um ambiente de tensão cotidiana.

Assim, tanto alunos como professores podem ser vítimas ou mesmo praticarem atos violentos, o que vem a atrapalhar na aprendizagem, causando danos irreversíveis ao futuro escolar do aluno e também na vida profissional do professor.

Outro problema que vem afetando o ambiente escolar diz respeito a prática do bullying que também é considerado um ato de violência contra o outro, que por vezes parece não ser nada, mas para quem é vítima dele os problemas podem prejudicar para o resto da vida. São vários os estudos em relação a esta problemática, que vem nos últimos tempos ganhando espaço no meio acadêmico, devido a necessidade de se combater esta prática, que por muito tempo manteve-se mascarada no meio escolar. De acordo com Almeida (2008, p.2):

Alguns pesquisadores definem o Bullying escolar como uma forma de violência não física, significando insultos, apelidos cruéis e gozações, ameaças que ocorrem nos intervalos das aulas e nas saídas das escolas, em que estas situações provocam uma angústia profunda, exclusão, acarretando danos físicos e materiais, junto às formas de violência física. O Bullying é um fenômeno violento, não pode e nem deve ser encarado como brincadeiras próprias de criança que acontecem esporadicamente, que propicia uma vida de sofrimento e dor para uns e de conformidade para outros. Danos físicos, morais e materiais, insultos, apelidos cruéis, gozações que magoam intensamente, ameaças, acusações injustas, atuação de grupos que hostilizam a vida de muitos alunos levando-o à exclusão, são também algumas das condutas observadas em relação ao Bullying escolar.

Percebe-se a gravidade deste fenômeno que até pouco tempo atrás era considerado apenas uma simples brincadeira, sendo que a partir dos anos 90, depois que repetidas ações de opressão,

dominação, agressão e até tirania passaram a ser realizadas com mais frequência no meio escolar, suscitando a necessidade de estudá-lo mais profundamente.

Maria Isabel da Silva Leme, em uma pesquisa bibliográfica na área da educação realizada em São Paulo no ano de 2008, busca analisar e discutir o desafio enfrentado atualmente pelos educadores brasileiros, no que se refere ao crescimento da violência escolar, defendendo que para combatê-la é importante o envolvimento de todos os integrantes da comunidade escolar, em ações decididas e implementadas coletivamente.

Segundo Leme (2008, p. 285) :

(...) é necessário também acolher sugestões ou opiniões diferentes das próprias, promover o diálogo sobre elas, pois é importante que o diretor e o corpo docente sejam exemplos concretos de atuação democrática (...) outra providência importante a ser tomada pelos gestores para diminuir a incidência de conflitos na escola é a sensibilização de docentes e funcionários acerca da importância de se dispensar igual tratamento a todos os alunos.

Diante da afirmação podemos perceber a importância da gestão democrática, ou seja, quando o gestor acolhe as opiniões dos outros para direcionar o seu trabalho, este ouvir, deve envolver alunos, professores, pais e funcionários da escola. Carreira (2005, p.17) afirma: “Nesse sentido, o modelo de gestão democrática parece atender às expectativas e necessidades educacionais de nossos tempos. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) Nº. 9394/96, em seu artigo 14, prescreve que o ensino público deverá ser regido pela gestão democrática.”

Ao se referir ao trabalho do gestor, Almeida (2009, p.7) afirma: “A violência escolar deve ser pensada e enfrentada a partir do trabalho coletivo e o exercício efetivo da gestão democrática.” O autor citado realizou uma pesquisa bibliográfica, na área da sociologia escolar, que tem por objetivo discutir a necessidade de se conhecer e estudar a questão da violência no contexto escolar e fora dele, buscando construir uma referência para a busca de práticas docentes que orientem o trabalho pedagógico para o enfrentamento do processo de violência escolar.

Outro estudo voltado para a problemática da violência escolar, se refere à pesquisa realizada por Lopes & Gasparin (2003), com base em pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo, realizada em duas escolas públicas estaduais da cidade de Maringá (PR), voltando o foco para a análise da relação professor aluno, buscando assim avaliar o grau de violência que se instaura nas escolas. Segundo o quadro analisado, Lopes & Gasparin (2003,p.300) afirmam :

a grande maioria das ações de violência identificadas, tanto por professores como por alunos, não são aquelas possíveis de punição e previstas no código penal. Em outras palavras, trata-se de uma “violência miúda”, caracterizada principalmente pelo desrespeito, agressões verbais e ameaças (...) Por outro lado, acreditamos

também que as violências menores, dada a sua invisibilidade, são imensamente maiores do que se possa imaginar.

Como contribuição podemos citar o estudo de Altair Macedo Lahud Loureiro (1999), que busca a reflexão acerca do caráter paradoxal do fenômeno, apoiado na parte teórica de pesquisa sobre as representações da violência escolar, ampliadas com as constatações empíricas da perplexidade e despreparo dos educadores para trabalhar com os fatos. Assim, Loureiro (1999, p. 58) relata que “Nas andanças pelas escolas, não tem sido difícil encontrar professores apavorados, agredidos e agredindo; diretores desnorteados, “suspendendo”, “expulsando”, “transferindo”, excluindo, cumprindo ou descumprindo o regimento, improvisando estratégias para o combate.”

Assim, podemos perceber a dificuldade dos profissionais da educação em se trabalhar com a problemática da violência, adotando apenas medidas que resolvem o problema apenas naquele momento, naquela hora, e depois tornam a se repetirem.

Em 2006, Ronaldo Figueiredo Venas, por meio de uma pesquisa bibliográfica enfatiza a importância da gestão escolar para o enfrentamento da violência na escola, a qual deve ser democrática, visando a formação para a cidadania. Venas (2006, p.9) destaca como deve ser o trabalho na escola afirmando que “a interação escolar se faz não somente na sala de aula, mas em todos os espaços da escola, nesse sentido os corpos administrativo e pedagógico devem dar o exemplo de convivência pacífica com o aluno, isso se faz mantendo uma escuta sensível dos seus problemas, respeitando sua história de vida.”

Existem professores e gestores que acabam mantendo, mais especificamente com alguns alunos uma relação baseada em cobranças, perseguições, onde não procuram manter um clima amigável com os mesmos e o diálogo acaba sendo permeado por discussões e palavras ásperas, isso quando não ocorrem até mesmo agressões físicas.

Em outro estudo, Ronaldo Figueiredo Venas (2008), por meio de pesquisa bibliográfica discute a partir da análise da pesquisa sobre a importância da reflexão sobre as estratégias equivocadas na gestão de conflitos entre os segmentos escolares (funcionários, professores e alunos) tem levado cada vez mais o gestor, assim como os professores, a uma situação de angústia diante da impotência no enfrentamento da violência. Desta forma, ao relacionar o trabalho do gestor, Venas (2008, p.10) afirma “As alternativas para a transformação devem partir de estratégias propostas pelos gestores, pois são eles que definem os rumos de sua unidade escolar. O gestor deve propor ações que fortaleçam o processo de sociabilidade durante o processo educativo.”

Em 2003, Kathie Njaine e Maria Cecília de Souza Minayo, buscam por meio de pesquisa qualitativa, bibliográfica e com análise de dados provenientes de pesquisas em três escolas de três municípios brasileiros: Iguatu (CE); Juiz de Fora (MG) e Campinas (SP), analisar os diferentes

significados que o fenômeno da violência adquire nos contextos sociais diversos e as formas como se manifesta no cotidiano escolar, procurando desta forma identificar pistas que possam contribuir com propostas para prevenção.

Um dos resultados da pesquisa pode ser descrito a seguir, onde Njaine & Minayo (2003, p.121) afirmam: “Os dados quantitativos revelaram que, para todas as escolas, a humilhação foi a forma de agressão mais sofrida pelos alunos, seguida dos furtos, ameaças e destruição de seus objetos.” Diante do que foi relatado, as autoras, como sugestão propõem (2003, p.132):

(...) para prevenir a violência nas escolas e melhorar a situação atual dada pelos alunos demonstraram um leque de possibilidades que dá uma visão do dinamismo desse processo (...), acolher o jovem e dialogar com ele; melhorar o ambiente da escola; trabalhar os problemas de forma alternativa, melhorar os laços de convivência.

Maria Nadurce da Silva (2004), em sua dissertação, busca diagnosticar os problemas de violência numa escola municipal de Montes Claros, em Minas Gerais, onde a pesquisa indica que as raízes das violências na escola analisada se encontram em grande parte, na dinâmica curricular, nas práticas pedagógicas inadequadas, nas precárias e superlotadas instalações e na falta de maior preparo e integração dos professores. Segundo Silva (2004, p.157):

Este estudo também aponta para a necessidade de que a escola adote práticas institucionais democráticas de condução da administração escolar. Considera que o papel da direção escolar seja preponderante no estímulo e na viabilização da criação e desenvolvimento de novas propostas conjuntas, por seus alunos, professores e comunidade.

Diante do que foi mencionado, podemos destacar a importância do trabalho voltado à participação de todos os envolvidos no processo educativo, destacando desta maneira o trabalho do gestor, que deve-se utilizar da gestão democrática, buscando assim criar propostas para a superação desta problemática muito presente nas escolas. Assim, Luck (2000) apud Silva (2004, p.61) afirma:

Aos responsáveis pela gestão escolar compete promover a criação e sustentação de um ambiente propício à participação plena, no processo social escolar, dos seus profissionais, de alunos e dos pais dos alunos, considerando que é através desta participação que estes elementos desenvolvem a consciência social crítica e o sentido de cidadania. Neste contexto, espera-se que o diretor seja capaz de desempenhar papel catalisador, de prever soluções, de ser um auxiliar do processo de transformação, que conheça as condições do meio e os homens; a fim de poder inspirar, estimular, orientar e criar o clima necessário ao desempenho dos serviços que devem ser prestados pela escola.

Outro problema apontado pela pesquisa de Silva (2004, p.159), pode ser descrito desta maneira:

Outro entrave é a deficiência na formação da maioria dos professores, no sentido de estes estarem preparados para lidarem adequadamente com situações de conflitos e violências na sala de aula. (...) Estas constatações apontam para a necessidade de realização de programas de capacitação continuada para professores, supervisores e demais agentes educacionais, de forma a prepará-los para atuarem na prevenção das manifestações de violências na escola.

Ivany Pinto Nascimento & Andréa Silva Vieira (2007), por meio de pesquisa bibliográfica e estudo de caso em escolas da Amazônia, analisam os discursos dos jovens de escolas públicas sobre a violência escolar e social, verificando os atores, as formas e situações mais frequentes de violência e identificando o trabalho que as escolas desenvolvem no combate a violência. Segundo resultados da pesquisa, as autoras destacam (2007, p.19):

Os resultados mostraram primeiramente, que para os jovens, a ocorrência de fatos violentos foi evidente, tanto entre alunos como também entre professores e alunos e demais pares da escola. Todavia para a maioria dos alunos, fatos como agressões verbais ou ameaças são acontecimentos mais presentes entre os estudantes, revelando-se como prática comum em suas relações escolares cotidianas.

Todos envolvidos no processo educativo possuem vontade em buscar e construir estratégias para o enfrentamento da violência escolar, pois todos os dias se deparam com situações de conflitos envolvendo tanto estudantes e funcionários. Com isso, a pesquisa citada acima constata que (2007, p.28):

Ao considerarmos isso, percebemos que as indicações mais marcantes foram das atividades que estes jovens realizam dentro da sala de aula (...), a segunda maior incidência é a alternativa de policiamento na escola, seguindo de ações, como a realização de ações como a realização de palestras na escola (...) Nas percepções dos jovens, vimos que as ações de enfrentamento ainda são insuficientes na medida em que voltam para a relação educação e sociedade.

No ano de 2008, Carlos Alberto de Paula, realiza um levantamento de pesquisas sobre a violência, drogas, imprensa, escola e as práticas sociais dos jovens, por instituições como a CNTE, ANDI e UNICEF no Brasil, a UNESCO em Curitiba, e de pesquisas realizadas na França. A análise teve como referência autores que abordam a violência em diversas dimensões. Ao relatar sobre o conceito de violência escolar, Paula (2009, p.25) pontua:

A violência escolar não é um problema fácil de ser resolvido, é uma situação histórica e de grande complexidade, a escola enquanto espaço de violência, é percorrida por um movimento ambíguo: de um lado, pelas ações que visam ao cumprimento das leis e das normas determinadas pelos órgãos centrais, e, de outro,

pela dinâmica dos seus grupos internos que estabelecem interações, rupturas e permitem a troca de idéias, palavras e sentimentos.

Assim, percebemos a complexidade deste fenômeno presente em nossas instituições escolares, manifestado de diversas maneiras, sendo que todas elas causam nas vítimas danos, independente do grau em que aconteça, pois tanto uma agressão verbal, quanto uma física são capazes de prejudicar de alguma forma.

Jeferson Christiano Vieira (2008) realiza uma pesquisa que objetiva desenvolver uma reflexão através de pesquisa bibliográfica e estudo de caso em torno de algumas violências institucionais no cotidiano escolar, visto que ele considera que a escola em muitos casos, dentro de sua dinâmica produz a sua própria violência, que acaba acontecendo de forma naturalizada, invisível e simbólica. Em relação a violência que muitas vezes a própria escola produz, Vieira (2008, p.5) afirma “Na escola, muitas vezes, os alunos são vistos com descrédito pelos professores que não confiam em suas capacidades fazendo com que se sintam inferiorizados, criando um sentimento de vergonha, medo e submissão.” Esta, é uma forma de violência considerada por muitos como algo natural dentro do ambiente escolar, mas que na verdade deixa no aluno muitas marcas que até podem o levar ao abandono dos estudos.

Outra violência muito comum nas escolas diz respeito ao não explicar o conteúdo da melhor forma possível, que Vieira (2008, p.6) assim destaca : “Negar o direito ao aprendizado é uma violência institucional principalmente porque a escola deixa de cumprir o seu papel central, o seu objetivo-central, o de ensinar-aprender.” Portanto, o descrédito dos professores pelos alunos e a mal explicitação dos conteúdos, constitui-se segundo a pesquisa de Vieira (2008) em violências institucionais, ou seja, aquelas que são geradas dentro da própria dinâmica da escola.

Prosseguindo nossa análise, podemos relatar a pesquisa de Daiana dos Santos da Silva e Jenifer Melo de Araújo (2009), onde elas buscam apresentar uma reflexão em torno do significado da violência no ambiente escolar, bem como compreender e analisar os diferentes tipos de violência que marcam o cotidiano da escola, sendo a pesquisa de cunho bibliográfico. Segundo Santos & Araújo (2009, p. 3), violência escolar pode ser entendida como:

Violência escolar pode estar relacionada como os comportamentos dos professores: falta de relacionamento como os alunos, dificuldades em lidar com estudantes de camadas sociais diferentes, despreocupação ou falta de conhecimento no transmitir a utilidade daquilo que ensina. Outro fator de conflito é quando os professores optam por violência, em vez de didática, para prender a atenção do aluno e impor a disciplina.

Esta afirmação complementa as idéias de Vieira (2008) quando ele afirma que a própria escola produz a violência, diante das atitudes que os professores assumem em relação aos seus alunos e ao processo de aprendizagem.

Em 2007, Ivany Nascimento e Mariléia Trindade, desenvolvem uma pesquisa, cujo objetivo é identificar e analisar os significados que os professores do ensino médio das escolas públicas de Belém possuem sobre a violência escolar, identificando assim os atores e as formas e situações mais frequentes, verificando as ações que as escolas desenvolvem para resolver a questão da violência, sendo que para o desenvolvimento da pesquisa, realizou-se estudo bibliográfico e pesquisa de campo, em quatro escolas do ensino médio. Ao abordarem a problemática da violência escolar citam (2007, p.2) “A ocorrência de violência na escola é um fator que pode prejudicar as relações das pessoas que fazem parte do seu cotidiano e do desempenho do processo educativo. Este fenômeno é capaz de gerar um clima de insegurança, intrigas, revanche, desrespeito entre sujeitos que estão presente na escola.”

Em relação as providências que são tomadas quando ocorre violência escolar, a pesquisa constatou, segundo os professores pesquisados, que quando o aluno comete violência, em geral são feitas advertências ao mesmo, em seguida pode vir a suspensão, comunicação com a família sobre a violência e, em casos graves é acionado a policia para resolver os conflitos. O professor sozinho não conseguirá resolver os problemas de violência dentro do ambiente escolar, necessitando a ajuda tanto dos pais, dos outros professores, do gestor, dos demais alunos e também os funcionários da escola. Outra opção para se trabalhar com a violência se refere, segundo Nascimento e Trindade (2007, p.23) “a abrir espaços à participação e diálogo com a juventude podem oferecer à escola maiores chances de lidar com conflitos quando possui sujeitos comprometidos. Nesse caso, os próprios alunos podem contribuir para encontrar meios de lidar com a violência.”

Eni de Fátima Martins (2005), realiza uma pesquisa bibliográfica e de campo com professores da rede pública estadual de uma cidade do interior de São Paulo, cujo objetivo foi conhecer as concepções dos professores sobre violência no cotidiano escolar, visando a ampliação dos conhecimentos sobre a violência nas escolas e a produção de subsídios para a formação de educadores, para que possam intervir, no que compete à educação, na produção do fenômeno da violência. A pesquisa de Martins (2005), apresenta alguns resultados compatíveis com a pesquisa de Nascimento e Trindade, principalmente no que diz respeito aos casos de violência que atingem os professores. Segundo Martins (2005, p.3):

A forma de violência apontada mais frequentemente pelos professores é a agressão verbal, embora todos os tipos mencionados (verbal, física com ou sem lesão,

destruição do patrimônio) tenham sido citados pela maior parte dos professores. Interessante destacar a menção feita a atitudes como apelidos, violência psicológica e moral, discriminação, os quais embora pouco citadas, são atitudes que ocorrem nas relações sociais envolvendo pessoas da escola.

Assim, percebemos por meio das pesquisas analisadas, que o maior índice de violência sofrida por parte dos professores referem-se aos atos de agressão verbal, ameaças e também a agressão física gerando lesão corporal ou não.

Ao escrever como deve ser o trabalho da escola referente aos atos de violência, Anser (2003, p.13) traz a seguinte colocação:

É fundamental investir em orientação e apoio aos professores, por meio de estratégias de aperfeiçoamento da prática pedagógica e da relação professor-aluno, em parceria com as famílias, buscando prevenir conflitos e problemas. Desenvolver projetos culturais que possam dar abertura à participação de alunos, equipe escolar e família em grupos representativos da escola para discutir e propor ações eficazes que sejam determinantes na conscientização da população e de seus pares no sistema educacional, quanto à necessidade de transformação desse quadro atual em que se encontra a violência escolar.

No ano de 2008, podemos destacar a pesquisa de Leila Maria Ferreira Sales, cujo objetivo é apresentar uma reflexão sobre os processos de interação que ocorrem no interior da escola e que estão associados a situações de preconceitos e estigmas e desencadeiam conflitos e violência, visto ser muito importante analisar as práticas que são veiculadas no âmbito escola, buscando o desvelamento das práticas de discriminação e de intolerância que podem gerar violências entre os adolescentes e jovens no contexto escolar e entre os educadores.

A busca da amenização deste problema social encontra-se não somente na mão do diretor da escola, mas de todos os envolvidos no processo educativo, porém, cabe ao gestor atuar de forma correta frente a isso, adotando assim uma gestão democrática, ou seja, voltada ao diálogo e participação de todos. Desta forma, Linhares (2008, p.8) afirma que é “Através de um constante diálogo que surge a certeza de que faremos na escola uma gestão participativa.”

A sociedade passou por diversas transformações, que respectivamente atingiram as relações estabelecidas no cotidiano escolar, portanto, já não se pode mais admitir uma gestão fechada em si mesma, sem a participação dos outros membros da escola, sem o diálogo. Nesse sentido, Linhares (2008, p.1) cita “As mudanças fazem com que o gestor assuma um papel importante nesse processo, visando à organização da escola, como recursos para a promoção de experiências de formação para seus alunos, tornando-os cidadãos participativos na sociedade.” A violência é um fator que atrapalha as relações dentro da escola, prejudicando os alunos e professores, tanto no aspecto intelectual, quanto psicológico e social, sendo importante trabalhar esta problemática.

CONCLUSÃO:

Percebe-se que foi nas duas últimas décadas que começaram as pesquisas em torno deste fenômeno, visto que foi neste mesmo período que se registrou o aumento dos números de casos de violência na sociedade e dentro da escola., sendo que infelizmente ela está presente em todas regiões do Brasil, tanto em escolas públicas quanto privadas, podendo manifestar-se na forma de violência física, simbólica e institucional.

Os alunos geralmente praticam mais a violência física e verbal entre os colegas e também com os professores, incluindo agressões verbais, físicas com ou sem lesão e ainda ameaças. Eles também, em alguns casos dependendo do porte da escola, da cidade e região em que se encontra, praticam violência contra o patrimônio público da escola, pichando paredes, destruindo banheiros, quebrando vidros e outros danos.

Uma das violências que vêm ganhando espaço nas pesquisas acadêmicas, refere-se ao fenômeno *bullying*, que a partir dos anos 90 começa a ganhar força no ambiente escolar. O mesmo, constitui-se em agressões, perseguições, apelidos, ameaças, sendo praticada geralmente por um grupo de alunos, que na maioria dos casos acaba escolhendo aquele aluno tímido, ou que apresente alguma deficiência, que use óculos, que está acima do peso dos demais, aquele baixinho entre outros.

Constata-se que, na escola, tanto professores, quanto funcionários, gestores e alunos podem produzir a violência. O professor, por exemplo, pode ser o causador da chamada violência institucional, no momento em que não explica bem o seu conteúdo, ou seja, falta de didática, quando trata os alunos, principalmente os de classe baixa de forma diferenciada e também quando age de forma autoritária. A grande maioria dos professores brasileiros não sabe trabalhar com esta problemática que afeta a escola, faltando a eles uma formação continuada em relação a este tema.

Uma das pessoas que pode contribuir para este trabalho ser eficaz é o gestor escolar, considerado o responsável pelo bom andamento da escola. Portanto, esse gestor precisa redirecionar o seu trabalho para uma gestão aberta à participação de todos os elementos presentes na escola, ou seja, funcionários, alunos, professores e família, sendo que esta participação seja permeada pelo diálogo, tornando-se desta maneira uma gestão democrática e participativa. Assim, percebemos que sozinho o gestor não pode dar conta desta problemática, necessitando também de parcerias com a comunidade externa, como por exemplo, a ajuda da polícia militar que pode executar palestras informativas, patrulhas ao redor da escola no momento da chegada e saída dos alunos

Podemos citar como uma boa estratégia de combate à violência escolar a proposta da advogada Meiri Fava Emery (2006), que cita como uma alternativa possível, a elaboração de um

Plano de Combate à Violência Escolar, sendo uma ferramenta que subsidiará as escolas no planejamento preventivo de suas ações de segurança e aplicações de medidas sócio-educativas no interior do ambiente escolar, combinando assim a experiência dos profissionais que compõem a equipe responsável pelo plano com o conhecimento daqueles que obrigatoriamente tem o dever de nos auxiliar na manutenção de segurança como um todo, sendo assim o Conselho Tutelar, o Juizado da Infância e da Juventude e também a Força Policial. Outra sugestão de prevenção pode estar nos próprios alunos e professores, ao planejarem e executarem projetos voltados a este fenômeno. Realizar peças teatrais, trabalhar com filmes, músicas, poesia, ou seja, o professor deve adotar uma metodologia que fuja das práticas tradicionais de ensino.

O problema da violência escolar cresce a cada dia, é um desafio que precisa ser trabalhado diariamente com todos as pessoas que constituem o espaço escolar. Nessa pesquisa, pudemos observar, que apesar desta temática ser muito relevante, ainda são poucas as publicações científicas que abordam-na como objeto de investigação, sendo importante que novas pesquisas sejam elaboradas em torno dela.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Mirian. (org.) e RUA, Maria das Graças **Violências na Escola. Versão resumida**. Brasília: Unesco, Brasil, Rede Pitágoras. 2002.

Revelando Tramas, descobrindo segredos: violência e convivência nas escolas. Brasília: Rede de Informação Tecnológica Latino-Americana RITLA. Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal. SEEDF, 2009. Disponível em www.miriamabramovay.org, acesso em 27/08/2009.

ALMEIDA, José Luciano Ferreira de. **Violência escolar e a relação com o conhecimento e a prática docente**. UFPR-2009. Disponível em www.diadiapr.gov.br , acesso em 02/08/2009.

ALMEIDA, Sandra Aparecida de. **Fenômeno bullying: esse nosso (des) conhecido**. 2008. Disponível em www.fecene.com.br , acesso em 12/09/2009.

ANSER, Maria Ap. Carmona Ianhes. **Avaliação do conceito de violência no ambiente escolar; visão do professor**. 2003. Disponível em [//scielo.bvs-psi.org.br](http://scielo.bvs-psi.org.br) , acesso em 06/09/2009.

CARREIRA, Débora Bianca Xavier. **Violência nas escolas: qual o papel da gestão?** Dissertação de mestrado. Universidade Católica de Brasília. Brasília, DF. 2005. Disponível em www.catedra.ucb.br , acesso em 08/08/2009.

DANI, Lucia Salete Celich. BORDIN, Maria Simone da Silva. **A violência na escola e gestão democrática: o papel do diretor**. 2004. Disponível em www.ufsm.br , acesso em 08/08/2009.

EMERY, Meiri Fava. **Violência escolar**. 2006. Disponível em www.gestaouniversitaria.com.br , acesso em 22/08/2009.

LEME, Maria Isabel da Silva. **A gestão da violência escolar**. USP- São Paulo. 2008. Disponível em www.pucpr.br , acesso em 02/09/2009

LINHARES, Clarice. **Gestão Participativa**. Publicado em Revista Eletrônica lato sensu - ano 3, nº1, março de 2008.

LOPES, Claudivan Sanches. GASPARIN, João Luiz. **Violência e conflitos na escola: desafios à prática docente**. 2003. Disponível em www.naoviolenca.org.br , acesso em 20/08/2009.

LOUREIRO, Altair Macedo Lahud. **Violência: paradoxos, perplexidades e reflexos no cotidiano escolar**. Publicado na revista Interface – Comunicação, Saúde e Educação, v.3, nº5, 1999.

MARTINS, Eni de Fátima. **O cotidiano escolar e a violência: reflexões sobre a constituição do fenômeno e os desafios do trabalho educativo**. Publicado Anais do XIV Encontro Nacional da Abrapso. 2005. Disponível em www.abrapso.org.br , acesso em 04/09/2009.

NASCIMENTO, Ivany. TRINDADE, Mariléia. **Os significados da violência na escola para professores de escolas públicas de Belém**. 2007. Disponível em www.unioeste.br/travessia , acesso em 05/09/2009.

NASCIMENTO, Ivany Pinto. VIEIRA, Andréa Silva. **Reflexões sobre a violência nas escolas: um olhar sobre os (as) jovens da escola pública**. 2007. Disponível em www.unioeste.br , acesso 01/09/2009.

NJAINÉ, Kathie. MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Violência na escola: identificando pistas para a prevenção**. Publicado em Revista Interface – Comunicação, Saúde e Educação. v.7, nº13, p.119-134.2003.

OLIVEIRA, Eny da Luz Lacerda. **Prevenção e combate a violência escolar: possibilidades de uma gestão democrática**. Revista Contrapontos. Volume 8, nº3 , p.491-505. Itajaí, set/dez 2008.

PAULA, Carlos Alberto de. **A violência na escola**. 2008. In: Enfrentamento à violência na escola. Série Cadernos Temáticos dos desafios educacionais contemporâneos, v.4. Curitiba SEED/PR . Disponível em www.diadiapr.gov.br , acesso em 01/09/2009

RUOTTI, Caren. **Os sentidos da violência escolar: uma perspectiva dos sujeitos**. Dissertação de mestrado em Sociologia. Universidade de São Paulo. 2006. Disponível em www.nevusp.org.br , acesso em 17/08/2009.

SALES, Leila Maria Ferreira. **A violência no cotidiano escolar**. 2008. Disponível em [//cecemca.rc.unesp.br](http://cecemca.rc.unesp.br), acesso em 07/09/2009.

SANTOS, Antonio dos. **Violência nas escolas: um estudo de caso em Aracaju, entre 2003 e 2006**. 2008. Disponível em www.segurancacidade.org.br , acesso em 01/09/2009.

SILVA, Daiana dos Santos. ARAÚJO, Jenifer Melo de. **As diferentes faces da violência no ambiente escolar**. 2009. Disponível em www.ie.ufmt.br, acesso em 05/09/2009.

SILVA, Maria Nadurce da. **Escola e comunidade juntas contra a violência escolar: diagnóstico e esboço do plano de intervenção**. 2004. Disponível em www.bdttd.ucb.br , acesso em 24/08/2009.

VENAS, Ronaldo Figueiredo. **Como a gestão pode contribuir para o enfrentamento da violência na escola?** Universidade Federal da Bahia. 2006. Disponível em www.ucb.br , acesso em 02/08/2009.

_____ **A sociabilidade com estratégia de gestão escolar**. Universidade Federal da Bahia. 2008. Disponível em www.catedra.ucb.br , acesso em 02/08/2009.

VIEIRA, Jéferson Christiano. **As múltiplas faces da violência escolar**. 2008. Disponível em www.pucpr.br/eventos , acesso em 20/09/2009.

Data da entrega para publicação:
17/06/2011.